

O conceito NATUREZA em propagandas sociais: *o papel das metáforas e dos frames na construção de sentidos*

*The NATURE concept in social advertisements: the role of
metaphors and frames in the construction of meanings*

Ricardo Yamashita SANTOS

Universidade Potiguar
ricardo.yama@yahoo.com.br



Ilana Souto de MEDEIROS

Universidade Potiguar
ilana.medeiros@animaeducacao.com.br



Ada Lima Ferreira de SOUSA

Universidade Federal do Rio Grande do Norte
adalima@gmail.com



Resumo: Investigamos, neste trabalho, o modo pelo qual mecanismos cognitivos se inter-relacionam no processo de construção de sentidos em torno do conceito NATUREZA. Para esse fim, expomos brevemente a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff; Johnson, 1980 [2002]); e centramos nossa discussão nas noções de metáfora situada (Vereza, 2013, 2016) e de *frame* (Duque, 2015, 2017). No tocante aos aspectos metodológicos, propomos uma pesquisa de natureza qualitativa, posto que pretendemos identificar, por meio de uma determinada amostra, as características de um fenômeno específico — a categorização do conceito NATUREZA, em nosso caso (Gil, 2008); o *corpus* é composto por três textos multimodais pertencentes à categoria discursiva PROPAGANDA SOCIAL, que, segundo Pinho (1990), contempla campanhas sobre diversas causas sociais — para este artigo, selecionamos campanhas que alertam a população sobre a preservação do meio ambiente; e utilizamos, como ferramenta metodológica, o grafo (Souza; Duque, 2018), que, em linhas gerais, busca demonstrar as conexões estabelecidas entre mecanismos cognitivos durante o processo de construção de sentidos. Os resultados obtidos pela análise mostram que a metáfora, construída com o auxílio da linguagem verbal e não-verbal, apresenta caráter multimodal. Além disso, os dados apontam, para além da natureza cognitiva, teor discursivo subjacente às metáforas.

Palavras-chave: campanhas e anúncios publicitários; construção de sentidos; metáforas; *frames*; natureza.

Abstract: In this work, we investigate the way in which cognitive mechanisms interrelate in the process of building meanings around the concept NATURE. To this end, we briefly expose the Theory of Conceptual Metaphor (Lakoff; Johnson, 1980 [2002]); and we focus our discussion on the notions of situated metaphor (Vereza, 2013, 2016) and frame (Duque, 2015, 2017). Regarding the methodological aspects, we propose a qualitative research, since we intend to identify, through a certain sample, the characteristics of a specific phenomenon – the categorization of the NATURE concept, in our case (Gil, 2008); the corpus is composed of three multimodal texts belonging to the discursive category SOCIAL PROPAGANDA, which, according to Pinho (1990), includes campaigns on various social causes – for this article, we selected campaigns that alert the population about the preservation of the environment; and we used, as a methodological tool, the graph (Souza; Duque, 2018), which, in general terms, seeks to demonstrate the connections established between cognitive mechanisms during the process of construction of meanings. The results obtained by the analysis show that the metaphor, built with the help of verbal and non-verbal language, has a multimodal character. Furthermore, the data point, in addition to the cognitive nature, to the discursive content underlying the metaphors.

Keywords: advertising campaigns and advertisements; metaphor; *frame*. nature.

1 INTRODUÇÃO

Neste artigo, sustentado teórica e metodologicamente pelos princípios da Linguística Cognitiva de base corporificada, buscamos descrever os mecanismos cognitivos envolvidos no processo de construção de sentidos. De modo mais específico, demonstramos como *frames* e metáforas participam da construção de sentidos sobre o conceito NATUREZA em textos multimodais, o que, a nosso ver, torna-o relevante, já que é mais comum, na área, trabalhos cujas análises focalizam, majoritariamente, mecanismos cognitivos instanciados por recursos verbais.

Para alcançar esse objetivo, adotamos, enquanto suporte teórico, a noção de *frame* proposta por Duque (2015, 2017), segundo a qual *frames* são redes neurais que nos auxiliam a organizar nosso pensamento, nossas ideias e nossas visões de mundo; e o conceito de metáforas situadas tecido por Vereza (2013, 2016), que as concebe como estruturas deliberadas que conferem coerência e unidade cognitiva ao discurso *online*. Além disso, discutimos, de modo breve, acerca da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), desenvolvida, no início da década de 1980, pelo linguista George Lakoff e pelo filósofo Mark Johnson.

Quanto aos aspectos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa com teor descritivo, uma vez que nossa investigação recai sobre a descrição das características de um determinado fenômeno (Gil, 2008). Em nosso caso específico, esse fenômeno é a construção de sentidos sobre o conceito NATUREZA.

O *corpus* selecionado para a análise é composto por três textos multimodais pertencentes à categoria discursiva PROPAGANDA SOCIAL, a qual abrange campanhas sobre as mais variadas causas sociais (Pinho, 1990). Em se tratando deste artigo, elegemos campanhas que alertam a sociedade sobre a preservação da natureza e do meio-ambiente, de modo geral. Os três exemplares, é válido destacar, foram coletados com o auxílio da ferramenta de busca *Google*.

No tocante à ferramenta de análise, utilizamos o grafo (Souza; Duque, 2018), por meio do qual ilustramos o modo como mecanismos cognitivos (*frames* e metáforas) interagem durante o processo de construção de sentidos.

Finalmente, quanto aos procedimentos de análise, expomos as imagens de cada propaganda e, a partir delas, descrevemos os *frames* que são acionados (via recursos verbais e/ou não-verbais); identificamos as metáforas que emergem da projeção entre esses *frames*; ilustramos, com os grafos, a estrutura conceptual tecida por intermédio da interação entre tais mecanismos; e, por fim, apresentamos o teor argumentativo subjacente

às metáforas situadas, o que as caracteriza, para além de mecanismos cognitivos, como um poderoso recurso discursivo.

2 FRAMES

Na Linguística, a noção de *frame* se insere graças a Charles Fillmore. Em um de seus primeiros trabalhos, “*Frame Semantics and the Nature of Language*” (“Semântica de *Frames* e a Natureza da Linguagem”), de 1976, o linguista sinaliza a importância de se considerar, na caracterização de um sistema linguístico, a descrição de *frames* cognitivos e interacionais, em termos dos quais o usuário da língua “[...] interpreta seu ambiente, formula suas próprias mensagens, compreende as mensagens dos outros, e acumula ou cria um modelo interno de seu mundo” (Fillmore, 1976, p. 23).

O autor define *frames* como uma espécie de inventário de esquemas que as pessoas possuem na memória, que as auxilia a estruturar, classificar e interpretar experiências. Acrescenta, além disso, que os significados das palavras são dependentes de experiências contextualizadas (idem, 1976).

Em estudos mais recentes, especificamente o desenvolvido com Collin Baker, Fillmore desenvolveu a Semântica de *Frames*, sintetizada como “[...] o estudo de como formas linguísticas evocam ou ativam *frames*, e como os *frames* assim ativados podem ser integrados na compreensão de passagens que contêm essas formas” (Fillmore; Baker, 2009, p. 317). Para este trabalho, tal noção é de extrema importância, uma vez que apresenta as construções linguísticas como guias de acionamento de *frames*.

A noção de *frame* utilizada neste artigo, contudo, é a proposta por Duque (2015; 2017), para quem os *frames* são compreendidos como circuitos neurais ativados e acionados pela linguagem, por meio dos quais organizamos pensamentos, ideias e visões de mundo.

Duque (2015) apresenta uma topologia de *frames*, a partir da qual se torna possível analisar um *frame* sob duas dimensões: a cognitiva (conceptuais básicos, descritores de evento, roteiro, esquemas imagéticos (esquemas-I), sociais, de domínio específico e culturais); e a interacional (*frame* interacional).

Tendo em vista o objetivo ao qual nos propomos (descrever o processo de construção de sentidos sobre o conceito NATUREZA em textos multimodais) e a ferramenta metodológica adotada para proceder à análise dos dados (o grafo), daremos ênfase, nos parágrafos seguintes, apenas aos *frames* conceptuais básicos e aos *frames* esquemas-I.

Sob a perspectiva conceptual básica, *frames* são acionados, normalmente, por itens e/ou expressões lexicais, e instanciados por

substantivos e/ou expressões nominais. Palavras simples, conforme Duque, são capazes de evocar um *frame* completo “[...] sem que seja necessário apresentar um conjunto exaustivo de itens e expressões lexicais” (Duque, 2015, p. 33).

Tomemos como exemplo o seguinte enunciado: “As **queimadas** na **Amazônia** têm relação direta com o **desmatamento**, afirmam especialistas ouvidos pelo G1 [...]”¹ (grifos nossos). A partir da leitura desse trecho, sobretudo dos itens destacados, “queimadas”, “Amazônia” e “desmatamento”, somos capazes de acionar os *frames* QUEIMADAS, AMAZÔNIA e DESMATAMENTO. Dentro de cada um deles estarão contidas todas as informações e as experiências individuais de cada sujeito com relação a esses três elementos. Nesse sentido, é bastante provável que um madeireiro, o qual trabalha diretamente com o corte de árvores nas florestas, possua informações mais refinadas quanto ao *frame* DESMATAMENTO, se comparado a alguém que apenas conheça superficialmente o tema.

Aspectos culturais também influenciam o tipo de informação contida em *frames* conceptuais básicos (assim como nos demais). Um *frame* como BANHEIRO, por exemplo, pode evocar elementos distintos por cada cultura, ou seja, se no Brasil é normal o uso de chuveiro elétrico nesse cômodo da casa, em países europeus isso não é tão comum.

Cumpramos ressaltar, ainda sobre a perspectiva conceptual básica, que somos capazes de acionar *frames* por outros recursos, além da linguagem verbal. Desse modo, podemos acionar um *frame* como CASA ao olhar para uma imagem na qual esteja representada uma casa.

O outro tipo de *frame* ao qual daremos ênfase neste artigo, os esquemas-I, são caracterizados por Duque (2017) como *frames* extremamente básicos que emergem de “[...] nossa habilidade de aprender sobre as propriedades do ambiente [...]” (Duque, 2017, p. 36). Em outras palavras, as invariâncias de elementos perceptuais e motores (apreendidos na exploração com o ambiente), quando frequentemente experienciados por nossos corpos, vão sendo armazenadas em nosso cérebro sob a forma de esquemas. Nesse contexto, Evans e Green chamam a atenção para o fato de que os esquemas “[...] não são conceitos ricos ou detalhados, mas conceitos abstratos que consistem em padrões emergentes de repetidas instâncias da experiência corporificada” (Evans; Green, 2006, p. 179 [tradução nossa]²).

Dos esquemas-I mais discutidos pela Linguística Cognitiva, CONTÊNER, LIGAÇÃO, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, TRAJETÓRIA e TRAJETOR-MARCO,

¹ Disponível em: <<https://g1.globo.com/natureza/noticia/2019/08/23/queimadas-e-desmatamento-estao-relacionados-na-amazonia-entenda.shtml>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

² “[...] *image schemas are not rich or detailed concepts, but rather abstract concepts consisting of patterns emerging from repeated instances of embodiment experience*”.

iremos tratar, nos parágrafos seguintes, apenas do LIGAÇÃO, do PARTE-TODO e do TRAJETÓRIA, pois, como poderá ser percebido na seção dedicada à análise do *corpus*, esses foram os esquemas mais recorrentemente identificados.

O padrão esquemático LIGAÇÃO, segundo Lakoff (1987), é construído a partir de uma experiência corporal bastante básica: a do elo criado pelo cordão umbilical entre a mãe e o bebê. Ainda conforme o linguista, há, nesse esquema, uma relação simétrica e dependente entre duas entidades. Esse esquema, que funciona como andaime para projeções metafóricas, pode ser verificado em enunciados como, por exemplo: “[...] sabemos que este **processo de desmatamento é como um carro em alta velocidade**: não vai ser contido facilmente [...]”³ (grifos nossos), no qual se observa na projeção entre os *frames* DESMATAMENTO e CARRO EM ALTA VELOCIDADE (*desmatamento é um carro em alta velocidade*). A ligação entre esses dois *frames* nos permite inferir que o desmatamento pode ser considerado um processo que oferece grandes riscos à natureza, pois, assim como um carro em velocidade alta, é capaz de provocar sérios acidentes e vitimar inocentes.

Outra experiência corporal básica que é apreendida desde muito cedo é a de perceber nossos corpos como um todo composto por partes. A partir dela, construímos o esquema PARTE-TODO, cuja lógica emergente, de acordo com Duque, é a de que “[...] a relação parte/todo é assimétrica, uma vez que se A é parte de B, então B não pode ser parte de A” (Duque, 2015, p. 34-35). Esse padrão esquemático, normalmente observado na base metonímica de construções metafóricas, pode ser identificado em enunciados como: “A **Amazônia é o coração pulsante do nosso planeta**, vital para regular o clima global e garantir o futuro da vida na Terra [...]”⁴ (grifo nosso). Nele, é possível perceber que a Amazônia, equiparada a um coração, é compreendida como uma parte específica de um todo (planeta). Essa base metonímica, cumpre destacar, dá suporte à metáfora situada *Amazônia é coração*, a partir da qual inferimos a Amazônia como o órgão mais importante do planeta (tal qual o coração para um organismo).

O esquema-I TRAJETÓRIA, finalmente, é construído graças às capacidades de locomoção e deslocamento de nossos corpos. A lógica subjacente a esse esquema, como aponta Duque, é a de que “[...] se um corpo se desloca de uma origem a um destino ao longo de um percurso, deve passar por cada ponto intermediário do referido percurso” (Duque, 2015, p. 35). Esse esquema, ainda segundo o autor, é composto por três

³ Disponível em: <<https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,reversao-do-desmatamento-da-amazonia-e-tarefa-de-todos-os-ministerios,20030626p73243>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

⁴ Disponível em: <<https://www.greenpeace.org.br/todos-pela-amazonia>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

atributos, a saber: a) *origem*⁵, concernente ao ponto de partida do trajeto; b) *pontos intermediários*, que correspondem aos espaços percorridos ao longo do percurso; e c) *meta*, referente ao ponto de chegada do trajeto.

É válido salientar que a ideia de deslocamento, intrínseca ao esquema-I TRAJETÓRIA, pode ser expressa metaforicamente, ou seja, o trajeto pode evocar mudanças de estado, como é possível observar no seguinte enunciado: “[...] A Ahlma se define como uma marca que vai além da marca: um movimento que por meio do autoconhecimento e do cultivo de uma comunidade de parceiros, produtos e fornecedores, busca soluções mais férteis para tudo aquilo que transforma. Com 90% das suas roupas feitas a partir de tecidos recuperados (tecidos que estavam parados nos estoques das fábricas), a empresa reforça em seu discurso que o **consumo desenfreado de hoje adoce a natureza [...]**” (grifo nosso).

A partir da leitura dos itens destacados, verificamos que o “consumo desenfreado” faz com que a natureza se desloque de um estado X (natureza saudável) em direção a um estado Y (natureza doente) — “[...] adoce a natureza [...]”. Nesse deslocamento, que, como dissemos, é metaforicamente expresso, identificamos dois dos elementos constituintes do esquema TRAJETÓRIA: *origem* (saúde) e *meta* (doença).

Na seção seguinte, discutiremos com mais detalhes sobre a noção de metáforas, apresentando uma síntese da visão de Lakoff e Johnson (1980 [2002]) e centrando as discussões em torno do conceito de metáfora situada (uma de nossas categorias analíticas), proposto por Vereza (2013, 2016).

3 METÁFORAS

A TMC, proposta por Lakoff e Johnson no início da década de 1980, desconstruiu um paradigma que permaneceu cristalizado durante séculos. De acordo com tal modelo, que encontra em Aristóteles seu maior precursor, a metáfora, compreendida como uma figura exclusiva da esfera linguística, é utilizada como uma ferramenta para ornar o discurso.

Contrariando esse pensamento, Lakoff e Johnson propõem, na obra *Metaphor we live by*⁷, que a metáfora é um mecanismo cognitivo pertencente a nosso sistema conceptual utilizado para “[...] tentar compreender parcialmente o que não pode ser compreendido em sua totalidade: nossos sentimentos, nossas experiências estéticas, nossas

⁵ Atributos de um *frame*, de acordo com notação utilizada por Duque (2015), também adotada neste artigo, são grafados em itálico.

⁶ Disponível em: <<https://www.menoslixo.com.br/posts/marcas-de-roupas-sustentaveis>>. Acesso em: 24 de agosto de 2019.

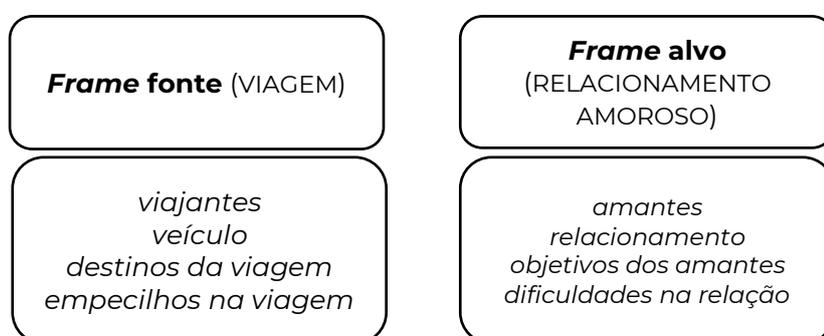
⁷ Metáforas da vida cotidiana [tradução nossa].

práticas morais e nossa consciência espiritual [...]” (Lakoff; Johnson, 1980 [2002], p. 303).

Conforme a TMC, as metáforas resultam de um mapeamento (correspondências conceituais) entre um domínio fonte, de base mais experiencial, e um domínio alvo, de natureza menos experiencial. Domínios, para essa teoria, são estruturas de conhecimento associadas às nossas experiências — conceito equivalente, em linhas gerais, à noção de *frame* adotada neste artigo.

O clássico exemplo dado por Lakoff (1992) é o da metáfora RELACIONAMENTO AMOROSO É UMA VIAGEM, que, segundo o linguista, pode ser verificada linguisticamente em enunciados como “nosso relacionamento chegou em um beco sem saída”⁸. Nessa metáfora, é possível verificar um mapeamento entre dois *frames* — viagem (fonte) e relacionamento amoroso (alvo), no qual os amantes equivalem aos viajantes; o relacionamento, ao veículo; os objetivos comuns dos amantes, aos seus destinos comuns na viagem; e as dificuldades encontradas na relação amorosa, aos empecilhos que podem surgir durante uma viagem, como ilustra a figura 1.

Figura 1 – Projeção entre os frames VIAGEM e RELACIONAMENTO AMOROSO



Fonte: autoria própria.

Como mencionamos, as metáforas, de acordo com a TMC, fazem parte de nosso sistema conceitual e, por isso, são consideradas estruturas estáveis, tais quais os Modelos Cognitivos Idealizados — MCIs (Lakoff, 1987).

Estudos mais recentes, por outro lado, focalizam a natureza situada da metáfora, como os desenvolvidos por Vereza (2013, 2016). Neles, a autora propõe a ideia de metáforas situadas e as define como estruturas deliberadas que “[...] mesmo não sendo sempre textualmente explicitadas

⁸ Exemplo extraído de Lakoff (1992, p. 4) – “*Our relationship has hit a dead-end street*” [tradução nossa].

(na forma *x é y*) conferem coerência e unidade cognitiva do discurso *online*” (Vereza, 2013, p. 10).

Ainda conforme Vereza (2016), os pesquisadores que se dedicam ao estudo das metáforas não devem confundir metáforas conceptuais e metáforas situadas, pois, enquanto as primeiras são analisadas sob a ótica de nosso sistema conceptual, as segundas são analisadas na linguagem em uso. Embora distintas, a autora chama a atenção para o fato de ser comum estruturas episódicas (como as metáforas situadas) recrutarem instâncias mais estáveis (metáforas conceptuais) como âncora.

Outra característica das metáforas situadas é a sua natureza potencialmente argumentativa. Em um de seus artigos, Vereza (2013) analisa a ocorrência dessas metáforas em memes e constata que os sentidos por elas construídos contribuem de forma ativa para o desenvolvimento da argumentação. Para demonstrar uma ocorrência de metáfora situada, analisaremos brevemente, a seguir, uma campanha publicitária feita para a Petrobrás, realizada para o dia mundial da água.

Figura 2 – Campanha publicitária feita para a Petrobrás



Fonte: disponível em: <http://fernandabastosportfolio.blogspot.com/2011>. acesso em 31 jul. 2019.

Verificamos, na figura 2, o acionamento de *frames* como: mãe, linguisticamente indexado pelo item “mãe”; CORPO HUMANO, acionado com o auxílio da imagem da mulher; e NATUREZA, instanciado por “natureza”.

Percebemos, além disso, que os *frames* MÃE e CORPO HUMANO são utilizados como fonte, enquanto o *frame* NATUREZA é utilizado como alvo. Desse modo, é possível constatar que a natureza é compreendida em termos de uma mãe e de um corpo humano, o que constrói as metáforas situadas *natureza é corpo humano*⁹ e *natureza é mãe*.

Outras pistas linguísticas que nos levam a inferir a natureza como um corpo humano estão presentes em “sangue”, que faz referência ao líquido viscoso que circula pelo corpo, e em “veias”, item utilizado para representar os vasos sanguíneos por onde o sangue é transportado. Esse sangue, conforme ilustrado, é expresso por um líquido azul, o qual evoca o conceito ÁGUA. Notamos, nisso, a construção de outra metáfora situada: *água é sangue*.

Essa metáfora apresenta teor argumentativo, posto que constrói a tese de que a água é essencial para a manutenção da vida da natureza, assim como é o sangue para o corpo humano — tendo em vista que sua principal função é a de transportar nutrientes, oxigênio, entre outras substâncias importantes. Essa tese, cumpre destacar, é condizente com o apelo pretendido pela campanha publicitária (“cuide da água, cuide do planeta!”).

Constatamos, além disso, uma base metonímica na metáfora situada *água é sangue*. Em outras palavras, notamos que um *frame* mais genérico, ORGANISMO, é ativado graças à focalização dada em uma de suas partes (sangue), o que nos leva a inferir que metáforas e metonímias interagem por meio do padrão esquemático PARTE-TODO. Na seção seguinte, dedicada à análise do *corpus*, mostraremos outras ocorrências desse fenômeno.

4 METODOLOGIA

Quanto aos aspectos metodológicos, a pesquisa em tela é de natureza qualitativa e descritiva, posto que sua principal finalidade é a de descrever as características de um determinado fenômeno (Gil, 2008) — em nosso caso, a construção de sentidos do conceito NATUREZA em textos multimodais.

O *corpus* utilizado é composto de três propagandas sociais que abordam, de maneira geral, o conceito NATUREZA (todas coletadas com o auxílio da ferramenta de busca *Google*, na aba “imagens”). Digitamos as palavras “propaganda” e “natureza”, na aba “imagens”, e, de modo aleatório, selecionamos as figuras aqui apresentadas.

⁹ Em conformidade com a notação utilizada por Vereza (2013), também adotada neste artigo, metáforas situadas são grafadas em itálico.

No tocante aos procedimentos, iniciamos a análise de cada propaganda exibindo sua imagem (seguida de sua respectiva fonte) e, a partir de cada uma, descrevemos, com o auxílio de recursos verbais e/ou não-verbais, os *frames* que são acionados e as metáforas situadas que emergem de suas projeções.

Para isso, adotamos, como ferramenta metodológica, o grafo, que se caracteriza como “[...] mapas cognitivos que visam à representação de um grupo de conceitos inseridos em uma rede de proposições [...]” (Souza; Duque, 2018, p. 381). No que se refere à estrutura, o grafo é organizado por núcleos, que equivalem aos *frames* acionados, e por arestas, que simbolizam padrões esquemáticos (esquemas-I). As arestas, é válido pontuar, podem ser apresentadas sob a forma vetorial, quando utilizadas para expressar esquemas que denotem deslocamento, como o TRAJETÓRIA.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A primeira amostra analisada, verificada na figura 3, é uma propaganda social realizada pela Fundação SOS Mata Atlântica, uma Organização Não Governamental (ONG) criada em 1986, cuja missão é a de inspirar a sociedade a defender a Mata Atlântica.

Figura 3 – Propaganda social da Fundação SOS Mata Atlântica

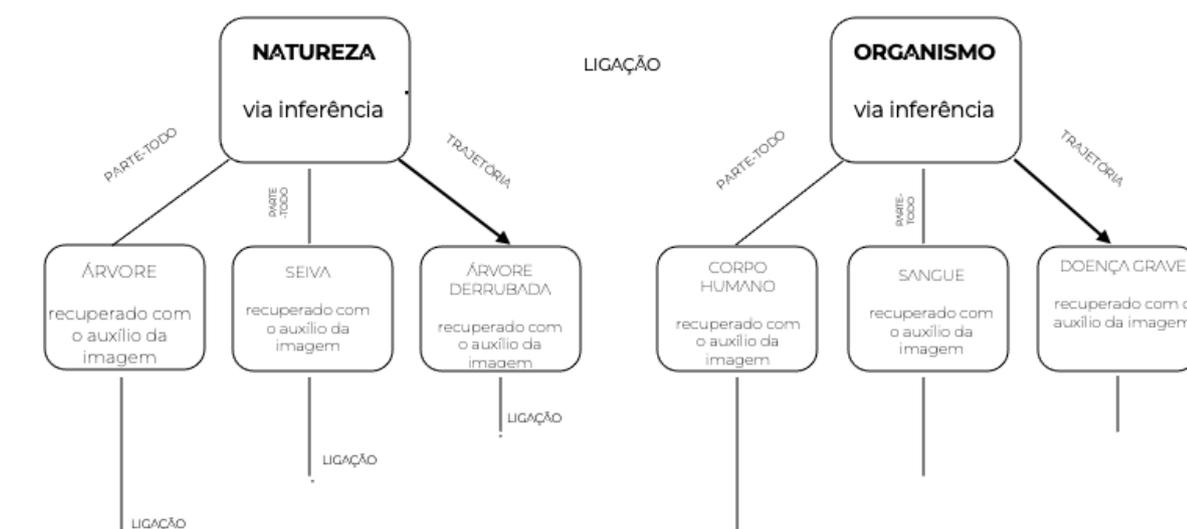


Fonte: disponível em: <http://sdb1carlosetuado.blogspot.com/>. Acesso em: 31 jul. 2019.

Na figura 3, identificamos que a construção de sentidos se inicia graças à articulação entre pistas verbais e não verbais. Em outras palavras, verificamos que o item linguístico “respirar” (“quer continuar a respirar?”), referente à respiração (processo fisiológico de manutenção da vida dos organismos, por meio do qual ocorre a troca entre o oxigênio e o gás carbônico), se interliga à imagem das duas árvores, cujo formato evoca o órgão responsável por tal processo (o pulmão). Além disso, notamos, com o auxílio do item “preservar” (“comece a preservar”), que a respiração se mostra dependente da preservação.

Diante disso, inferimos que alguns *frames* possam ser acionados pelo leitor, quais sejam: NATUREZA, que, embora não esteja linguisticamente indexado, pode ser recuperado por inferência e/ou pelo acionamento do *frame* ÁRVORES, evocado pela imagem das duas árvores; organismo, que, assim como o *frame* NATUREZA, pode ser acionado via inferência e/ou por metonímia, graças ao *frame* PULMÕES, acionado com o auxílio da imagem; preservação, indexado pelo item linguístico “preservar”; e RESPIRAÇÃO, instanciado por “respirar”. Esses *frames*, quando interagem por meio de esquemas-I, constroem uma rede de sentidos por meio da qual identificamos as metáforas situadas *preservação é respiração* e *árvores são pulmões*, como mostra o grafo 1.

Grafo 1 – Rede conceptual de base metafórica construída com o auxílio das metáforas situadas *árvores são pulmões* e *preservação é respiração*



Fonte: autoria própria

De acordo com o grafo 1, verificamos que o *frame* NATUREZA estabelece, junto com o *frame* ORGANISMO, uma relação metafórica, a qual se constrói por meio do padrão esquemático LIGAÇÃO. Dentro desses *frames*

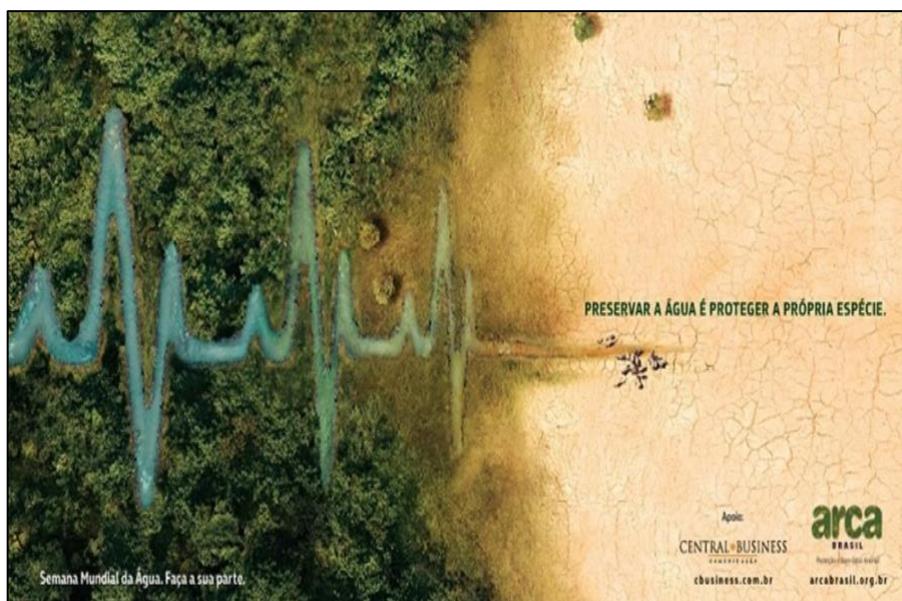
mais genéricos, é possível observar o acionamento de *frames* menos amplos, ou seja, partes de um todo são evidenciadas. O *frame* NATUREZA, por exemplo, cria um elo metonímico com os *frames* PRESERVAÇÃO e ÁRVORES, pois há uma focalização nessas duas partes específicas; o mesmo ocorre com o *frame* ORGANISMO, no qual o foco recai em RESPIRAÇÃO e PULMÕES. Os demais componentes desses *frames*, é válido salientar, permanecem em *stand by* e podem ser recuperados a qualquer momento pelo discurso.

Ainda conforme o grafo, constatamos mais duas conexões de base metafórica, que podem ser observadas entre os *frames* PRESERVAÇÃO e RESPIRAÇÃO e entre os *frames* ÁRVORE e PULMÕES. Tais associações, como mostramos, licenciam as metáforas situadas *preservação é respiração* e *árvores são pulmões*.

Essas metáforas apresentam teor potencialmente argumentativo. Compreender as árvores como pulmões (*árvores são pulmões*) constrói a tese de que as árvores são órgãos essenciais para a natureza, assim como são os pulmões para um organismo. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, a compreensão de que a preservação equivale à respiração (*preservação é respiração*) defende a ideia de que o ato de preservar é o que permite a manutenção da vida da natureza, do mesmo modo que a respiração proporciona vida a um organismo.

Vejamos, a seguir, uma propaganda social feita para a Associação Humanitária de Proteção e Bem-Estar Animal (ARCA Brasil), uma entidade não governamental que luta pelo respeito aos direitos dos animais do Brasil. A propaganda, ilustrada na figura 4, foi divulgada durante a Semana Mundial da Água.

Figura 4 – Propaganda social da Associação Humanitária de Proteção e Bem-estar Animal (ARCA Brasil)



Fonte: disponível em: <<https://grandesnombresdapropaganda.com.br/anunciantes/campanha-da-arca-brasil-destaca-a-importancia-da-preservacao-dos-recursos-hidricos/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

Notamos, na figura 4, a imagem de uma floresta dividida em duas partes. No lado esquerdo, é possível observar árvores preservadas e um rio, representado pela cor azul, que faz referência à água. No lado direito, por outro lado, notamos uma área bastante desmatada, sem árvores e com escassez de água.

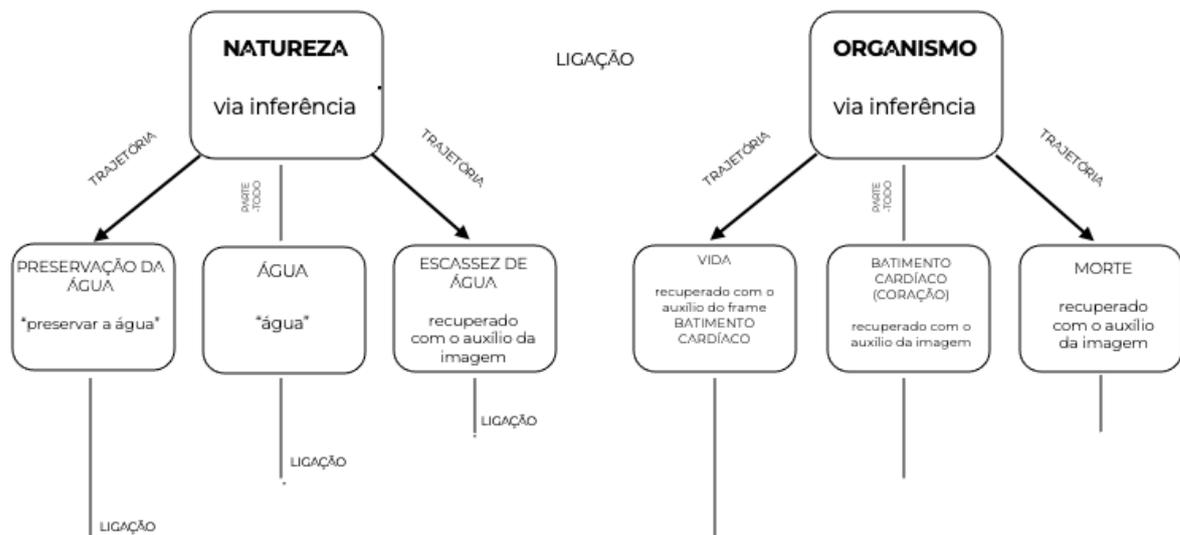
Ainda com relação à parte esquerda da imagem, constatamos que a água está expressa sob a forma de batimentos cardíacos, o que parece manter a floresta com vida. Já no outro lado, onde a água se dissipa, percebemos a morte da floresta (representada pela área desmatada e pela ossada de um animal).

Com base nessa leitura inicial, inferimos que alguns *frames* são acionados, quais sejam: NATUREZA, recuperado pela imagem da floresta; PRESERVAÇÃO DA ÁGUA, indexado pela expressão “preservar a água”; ÁGUA, instanciado pelo item “água” e pelas linhas de cor azul (que evocam um rio); ESCASSEZ DE ÁGUA, que pode ser acionado pela parte direita da imagem, a qual chama a atenção para a escassez da água, o que pode dizimar a natureza e a nossa espécie, como um todo; organismo, expresso, por metonímia, pelo *frame* BATIMENTO CARDÍACO (acionado com o auxílio da representação dos batimentos cardíacos); VIDA, que também pode ser recuperado pelo *frame* BATIMENTO CARDÍACO, referente ao movimento realizado pelo coração que

mantém vivo um organismo; e morte, acionado com o auxílio da ossada de um animal morto.

A articulação entre esses *frames*, licenciada por padrões esquemáticos, constrói uma rede conceptual por meio da qual podemos identificar as metáforas situadas *água é batimento cardíaco*, *preservação da água é vida* e *escassez de água é morte*. Essas metáforas, como mostra o grafo 2, recrutam componentes de *frames* mais genéricos, como NATUREZA e ORGANISMO:

Grafo – Rede conceptual de base metafórica e metonímica construída com o auxílio das metáforas situadas *água é batimento cardíaco*, *preservação da água é vida* e *escassez de água é morte*



Fonte: autoria própria

O *frame* NATUREZA, conforme o grafo, interage metaforicamente com o *frame* ORGANISMO, o que ocorre por intermédio do esquema-i LIGAÇÃO. Além dele, e, graças ao padrão esquemático TRAJETÓRIA, o *frame* NATUREZA se conecta aos *frames* PRESERVAÇÃO DA ÁGUA e ESCASSEZ DE ÁGUA. O sentido emergente dessas associações é o de que a NATUREZA pode ser deslocada em direção a dois estados: no primeiro, ela terá um de seus componentes preservado (a água), já no segundo, esse elemento é dizimado. O *frame* ÁGUA, cumpre ressaltar, se interliga metonimicamente ao *frame* NATUREZA por meio do esquema PARTE-TUDO.

De modo semelhante, o *frame* ORGANISMO tece vínculos metonímicos e elos que denotam deslocamento. graças ao esquema-i TRAJETÓRIA, por exemplo, o *frame* ORGANISMO se relaciona com os *frames* VIDA e MORTE, construindo a ideia de que um organismo pode se deslocar em

direção a um estado que o mantenha vivo ou a um estado que o leve à morte. já o padrão esquemático PARTE-TODO constrói um laço metonímico entre os *frames* ORGANISMO e BATIMENTO CARDÍACO (coração), ou seja, o todo (organismo) é recuperado pela focalização dada em uma de suas partes (coração – recuperado com o auxílio da imagem que evoca os batimentos cardíacos).

Para além dessas conexões, o grafo 2 evidencia que os *frames* PRESERVAÇÃO DA ÁGUA, ÁGUA e ESCASSEZ DE ÁGUA, relacionados ao *frame* NATUREZA, se associam, respectivamente, aos *frames* VIDA, BATIMENTO CARDÍACO (coração) e MORTE, vinculados ao *frame* ORGANISMO. Tais associações, licenciadas pelo esquema LIGAÇÃO, constroem as metáforas situadas *preservação da água é vida, água é batimento cardíaco e escassez de água é morte*.

Assim como observado na análise da primeira propaganda social, essas metáforas situadas apresentam forte teor argumentativo. A compreensão de que a água equivale aos batimentos cardíacos de um coração (*água é batimento cardíaco*), por exemplo, defende a tese de que esse recurso natural pode ser considerado o principal órgão da natureza, assim como é o coração para um organismo.

Além disso, as metáforas *preservação da água é vida e escassez de água é morte* defendem a tese de que o tipo de cuidado oferecido a esse órgão tão vital (água/coração) é o que define a vida ou a morte da natureza ou de um organismo. Nesse sentido, a preservação da água é compreendida como algo que mantém a natureza viva (assim como os cuidados dados ao coração) e sua escassez como algo que pode matá-la. Tais teses, é válido acentuar, são condizentes com o apelo feito pela propaganda social, que é construído com linguagem verbal (“preservar a água é proteger a própria espécie”) e não-verbal (imagem).

Apresentaremos, finalmente, a última amostra que constitui o *corpus* selecionado para esta pesquisa. Trata-se de uma propaganda social divulgada pelo estado de Goiás, ilustrada na figura 5.

Figura 5 – Propaganda social do governo de Goiás



Fonte: disponível em: <<https://www.adeevee.com/2016/07/governo-de-goias-secima-environment-print/>>. Acesso em: 31 jul. 2019.

Notamos, na figura 5, que a imagem evoca elementos de um hospital: o tronco de uma árvore derrubada, representando um paciente em seu leito; um monitor de sinais vitais, equipamento que verifica se as funções fisiológicas do paciente estão normais; uma bolsa coletora de sangue, que é utilizada para realizar transfusões sanguíneas; e eletrodos, equipamentos que podem ser utilizados para monitorar a atividade elétrica do cérebro, para reproduzir a atividade elétrica do coração, entre outras funções.

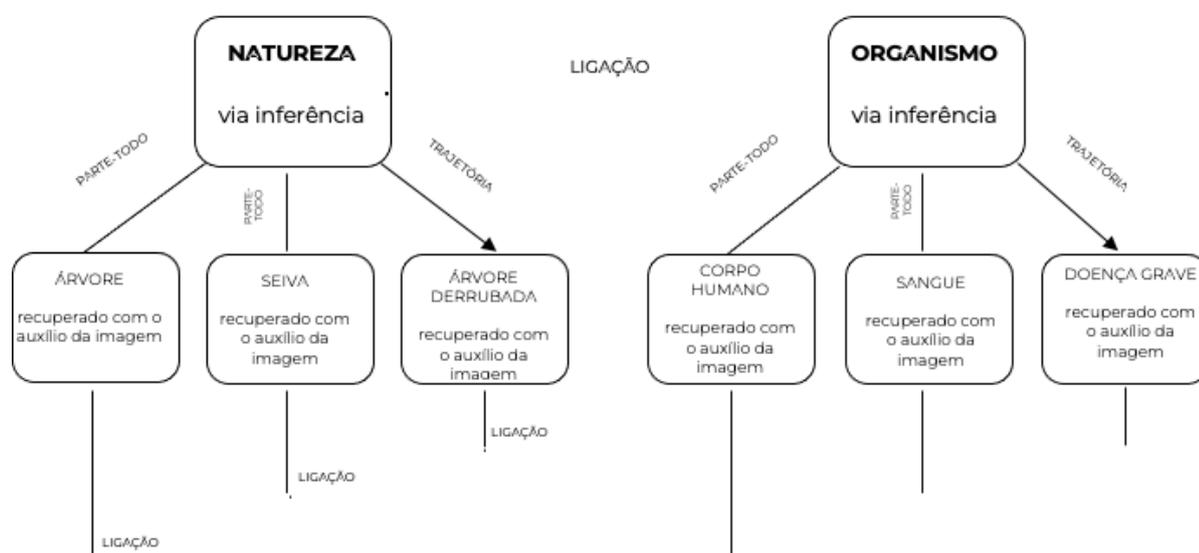
Outro aspecto interessante que pode ser identificado na imagem diz respeito ao conteúdo da bolsa coletora. Tendo em vista que o paciente humano está sendo expresso pelo tronco de uma árvore, o líquido verde que está sendo transfundido nos permite evocar a seiva. Além disso, as pistas linguísticas disponíveis em “*this is how the environment lives: trying to survive*” (“é assim que o ambiente vive: tentando sobreviver” [tradução nossa]) denotam que o estado de saúde do paciente parece ser grave, já que ele luta para sobreviver. Isso é reforçado, cumpre salientar, pela presença de recursos utilizados em pacientes cujo estado de saúde é delicado (o monitor de sinais vitais e a bolsa coletora usada em transfusões).

Diante dessas observações iniciais, inferimos o acionamento dos seguintes *frames*: NATUREZA e ORGANISMO, recuperados via inferência e com o auxílio dos recursos visuais; ÁRVORE, acionado pelo tronco da árvore expresso na imagem; ÁRVORE DERRUBADA, recuperado por inferência e, também, pela figura; SEIVA, acionado graças ao líquido verde que está ilustrado; CORPO HUMANO, recuperado metaforicamente pela imagem do tronco da árvore deitada em um leito hospitalar; e DOENÇA GRAVE, que pode ser inferido por elementos como o monitor de sinais vitais e a bolsa coletora de sangue —

equipamentos que, normalmente, são utilizados em pacientes com estado de saúde considerado grave.

Esses *frames*, quando se articulam por meio de padrões esquemáticos, constroem uma rede conceptual rica em sentidos, a partir da qual identificamos as metáforas situadas *árvore é corpo humano*, *seiva é sangue* e *árvore derrubada é doença grave*, como expressa o grafo 3.

Grafo 3 – Rede conceptual de base metafórica e metonímica construída com o auxílio das metáforas situadas *árvore é corpo humano*, *seiva é sangue* e *árvore derrubada é doença grave*



Fonte: autoria própria

Verificamos, no grafo, o acionamento de oito *frames*: NATUREZA, recuperado por inferência; ÁRVORE, SEIVA e ÁRVORE DERRUBADA, evocados com o auxílio da imagem; ORGANISMO, também acionado por inferência; e CORPO HUMANO, sangue e DOENÇA GRAVE, metaforicamente recuperados com o auxílio da imagem.

Esses *frames*, como dissemos, estabelecem vínculos uns com os outros graças a padrões esquemáticos. O *frame* NATUREZA, por exemplo, se conecta aos *frames* ÁRVORE e SEIVA, com os quais mantém uma relação metonímica, ou seja, dentro de um *frame* mais amplo (NATUREZA), apenas partes específicas são focalizadas (*árvore* e *seiva*). Já com o *frame* ÁRVORE DERRUBADA, NATUREZA se relaciona por meio do esquema-i TRAJETÓRIA, o qual denota um deslocamento que indica uma mudança de estado, isto é, a natureza sai de um estado A (preservada) em direção a um estado B (desmatada, com árvores derrubadas).

O *frame* ORGANISMO também cria, graças ao padrão esquemático PARTE-TODO, laços metonímicos com os *frames* CORPO HUMANO e SANGUE. Nesse sentido, o corpo humano é visto como um tipo de organismo e o sangue como uma de suas partes. Além desses *frames*, ORGANISMO se conecta a DOENÇA GRAVE por intermédio do esquema-*i* TRAJETÓRIA. O sentido emergente dessa relação é o de que o organismo se desloca de um estado A (saúde) para um estado B (doença grave).

Os *frames* NATUREZA e ORGANISMO, assim como seus componentes, também interagem, mas, diferentemente do que foi mostrado nos dois últimos parágrafos, as associações são de natureza metafóricas — licenciadas, por sua vez, pelo esquema LIGAÇÃO. Isso pode ser observado nas conexões existentes entre os *frames* ÁRVORE e CORPO HUMANO, SEIVA e SANGUE e ÁRVORE DERRUBADA e DOENÇA GRAVE, a partir das quais identificamos as metáforas situadas *árvore é corpo humano*, *seiva é sangue* e *árvore derrubada é doença grave*.

Essas metáforas, bem como todas as outras analisadas neste trabalho, são potencialmente argumentativas. Compreender a árvore como um ser humano evoca, no contexto da imagem, a fragilidade do corpo humano. Além disso, as metáforas *seiva é sangue* e *árvore derrubada é doença grave* reforçam a tese construída pela propaganda: a de que as ações do homem para com a natureza ameaçam sua existência. Em outras palavras, essas metáforas argumentam que os humanos, quando derrubam árvores, adoecem a natureza como um todo (doença esta que, como mostramos, pode ser considerada grave, já que a árvore expressa na imagem tem seus sinais vitais monitorados por um aparelho, e visto que ela está realizando uma transfusão sanguínea).

Os resultados obtidos pela análise mostram que a metáfora, construída com o auxílio da linguagem verbal e não-verbal apresenta caráter multimodal. Além disso, os dados apontam, para além da natureza cognitiva, teor discursivo subjacente às metáforas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o modo pelo qual mecanismos cognitivos se inter-relacionam no processo de construção de sentidos em torno do conceito NATUREZA. Utilizamos alguns preceitos oriundos da Linguística Cognitiva de base corporificada, para descrever alguns mecanismos cognitivos, especificamente *frames* e metáforas em textos multimodais.

Pudemos observar em nossa análise que os *frames* se organizam por meio de uma rede conceptual de base metafórica e de diversos

esquemas-I, permitindo a análise de um discurso de base argumentativa. A descrição contou com o auxílio de recursos verbais e/ou não-verbais, os *frames* que são acionados e as metáforas situadas que emergem de suas projeções.

Em todas as três propagandas analisadas, existe uma grande projeção metafórica NATUREZA É ORGANISMO, acionada por inferência advinda dos elementos analisados das imagens, que auxilia na compreensão das metáforas situadas que emergem dessa relação. No grafo 1, constatamos duas conexões de base metafórica, que podem ser observadas entre os *frames* PRESERVAÇÃO e RESPIRAÇÃO e entre os *frames* ÁRVORE e PULMÕES. Tais associações, como mostramos, licenciaram as metáforas situadas *preservação é respiração* e *árvores são pulmões*.

O grafo 2 evidencia que os *frames* PRESERVAÇÃO DA ÁGUA, ÁGUA e ESCASSEZ DE ÁGUA, relacionados ao *frame* NATUREZA, se associam, respectivamente, aos *frames* VIDA, BATIMENTO CARDÍACO (CORAÇÃO) e MORTE, vinculados ao *frame* ORGANISMO. Tais associações, licenciadas pelo esquema LIGAÇÃO, constroem as metáforas situadas *preservação da água é vida*, *água é batimento cardíaco* e *escassez de água é morte*.

Por fim, no grafo 3, os *frames* NATUREZA e ORGANISMO, assim como seus componentes, também interagem, mas, diferentemente do que foi mostrado nos dois últimos parágrafos, as associações são de natureza metafóricas – licenciadas, por sua vez, pelo esquema LIGAÇÃO. Isso pode ser observado nas conexões existentes entre os *frames* ÁRVORE e corpo humano, seiva e SANGUE e ÁRVORE DERRUBADA e DOENÇA GRAVE, a partir das quais identificamos as metáforas situadas *árvore é corpo humano*, *seiva é sangue* e *árvore derrubada é doença grave*.

Para além do caráter multimodal e o teor discursivo subjacente às metáforas, constatamos que as metáforas aqui identificadas possuem uma base metonímica, que, por sua vez, é viabilizada pelo padrão esquemático PARTE-TODO.

Julgamos que tais análises contribuam para uma análise mais fina das relações cognitivas que envolvem *frames* e metáforas, e que se mostram amplamente integradas, assim como diversas outras estratégias cognitivas, no processo de construção de sentido por meio de recursos multimodais. Esperamos, em trabalhos futuros, ampliar essas análises com o intuito de podermos desenvolver a observação em ambientes multimodais, como as propagandas apresentadas, indo para charges, capas de revistas etc.

REFERÊNCIAS

DUQUE, P. H. Discurso e cognição: uma abordagem baseada em frames. **Anpoll**, v. 1, n. 39, p. 25-48, 2015.

DUQUE, P. H. De perceptos a frames: cognição ecológica e linguagem. **Scripta**, v. 21, n. 41, p. 21-45, 2017.

EVANS, V.; GREEN, M. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

FILLMORE, C. J. Frame semantics and the nature of language. In: HARNARD, S. R.; STEKLIS, H. D.; LANCASTER, J. (eds.). **Origins and evolution of language and speech**. Nova York: New York Academy of Sciences, 1976.

FILLMORE, C. J.; BAKER, Collin F. **A Frames Approach to Semantic Analysis**. In: HEINE, B.; NARROG, H. (Eds.). *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. Oxford: OUP, 2009. p. 313-339.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G. The Contemporary Theory of Metaphor. In: ANDREW, O. (ed.). **Metaphor and Thought**. 2. ed. Cambridge University Press, 1992.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metáforas da vida cotidiana**. Tradução de Mara Zanotto. Campinas: Mercado das letras, 2002.

PINHO, J. B. **Propaganda institucional: usos e funções da propaganda em relações públicas**. 4. ed. São Paulo: Summus, 1990.

SOUZA, E. W. E. de; DUQUE, P. H. O processo cognitivo-discursivo de construção de sentido em notícias e piadas: uma abordagem baseada em *frames*. **DLCV**, v. 14, n. 2, 2018. p. 377-401.

VEREZA, S. C. "Metáfora é que nem...": cognição e discurso na metáfora situada. **Signo**. Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul. dez. 2013.

VEREZA, S. C. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. **Linguagem em (Dis)curso – LemD**. Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 561-573, set. dez. 2016.

SANTOS, RICARDO YAMASHITA;
MEDEIROS, ILANA SOUTO DE; SOUSA,
ADA LIMA FERREIRA DE. O CONCEITO
NATUREZA EM PROPAGANDAS SOCIAIS: O
PAPEL DAS METÁFORAS E DOS FRAMES NA
CONSTRUÇÃO DE SENTIDOS
ENTREPALAVRAS, FORTALEZA, v. 14, n. 1,
E2738, p. 73-94, JAN.-ABR./2024. DOI:
10.22168/2237-6321-12738